

“AS MAL TRAÇADAS LINHAS” DO JOVEM CASAL PERNAMBUCANO N. E Z. COMO FONTE PARA A HISTORICIDADE DA LÍNGUA E DO SUBGÊNERO CARTA DE AMOR (1949-1950)¹

Stênio Bouças Alves Filho ²

RESUMO: Por uma investigação que não se detenha apenas à historicidade da língua, mas também do texto, este trabalho visa analisar um *corpus* constituído por 32 (trinta e duas) cartas pessoais do subgênero carta de amor, escritas entre 1949 e 1950, pelo casal pernambucano não ilustre N (a noiva) e Z (o noivo). Os principais pontos analisados neste estudo são: (i) os elementos composicionais do subgênero carta de amor; (ii) os aspectos que denotam os usos, as práticas e o grau de escrita dos missivistas, além do contexto sócio-histórico de produção das cartas; e (iii) os pontos de análises que estão relacionados com a representação do possessivo de segunda pessoa do singular, verificado no recorte espaço-tempo em questão. Dito isso, sob o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012); do Modelo de Tradições Discursivas (KABATEK, 2006); e da Paleografia (MARTÍNEZ, 1988; PETRUCCI, 2003; CASTILLO GÓMEZ; SÁEZ, 2016), foi possível observar que a missivista N (a noiva), mesmo apresentando um maior domínio sobre o escrito, encontra-se no mesmo polo que Z (o noivo), ambos estão em um *continuum* mais próximo de um nível *elementar de base*, no que se refere à habilidade escrita. Entretanto, apesar do baixo nível de escolaridade, ambos dominam a prática de escrita de cartas amorosas, o que se configura como uma aquisição cultural da tradição discursiva carta de amor. Quanto ao uso do possessivo, identificou-se o encaixamento da forma possessiva *seu* (31%) no emprego referente à segunda pessoa do singular, em duelo com o possessivo *teu* (69%).

PALAVRAS-CHAVE: historicidade; tradição; carta de amor; variação *teu/seu*.

RESUMEN: Para una investigación que no se detiene solo en la historicidad del lenguaje, sino también del texto, este trabajo tiene como objetivo analizar un corpus compuesto por 32 (treinta y dos) cartas personales del subgénero de cartas de amor, escritas entre 1949 y 1950, por la pareja pernambucana no ilustre N (la novia) y Z (el novio). Los principales puntos analizados en este estudio son: (i) los elementos compositivos del subgénero de la carta de amor; (ii) los aspectos que denotan los usos, prácticas y nivel de redacción de los escritores de cartas, además del contexto socio-histórico en el que se produjeron las cartas; y (iii) los puntos de análisis que se relacionan con la representación de la segunda persona singular posesiva, verificada en el marco espacio-temporal en cuestión. Dicho esto, bajo el aparato teórico-metodológico de la Sociolingüística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012); el Modelo de Tradiciones Discursivas (KABATEK, 2006); y a partir de Paleografía (PETRUCCI, 2003; CASTILLO GÓMEZ; SÁEZ, 2016), se pudo observar que el escritor N (la novia), aun con un mayor dominio de la escritura, se encuentra en el mismo polo que Z (el novio), ambos en un *continuum* más cercano a un nivel *elemental básico*, en lo que a escritura se refiere. Sin embargo, a pesar del bajo nivel educativo, ambos dominan la práctica de escribir cartas de amor, que se configura como una adquisición cultural de la tradición discursiva de las cartas de amor. En cuanto al uso del posesivo, se identificó la incrustación de la forma posesiva *seu* (31%) en el empleo referido a la segunda persona del singular, en un duelo con el posesivo *teu* (69%).

PALAVRAS-CHAVE: historicidad; tradicion; carta de amor; variación *teu/seu*.

¹ Artigo apresentado como requisito de avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ministrada pela Profa. Valéria Gomes e pelo Prof. Inaldo Soares, do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob a orientação da Profa. Dra. Valéria Severina Gomes.

² Graduando do Curso de Licenciatura em Letras (Português/Espanhol) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: alvesfilho.sb@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A carta pessoal é um gênero que funciona como uma interação à distância, uma conversa por escrito, um modo de imaginar a presença do outro ao lado, sensação que se estabelece e que se fortalece pelos laços de proximidade e afetividade entre os missivistas. De modo geral, a carta pessoal cumpre com o propósito de enviar notícias sobre a vida cotidiana, além de tratar de assuntos particulares e de temáticas tradicionais características de cada subgênero, seja entre os familiares (carta de família), entre os amigos (carta de amigo), entre os casais (carta de casal) ou entre os enamorados (carta de amor).

Dessa forma, no bojo dos subgêneros da carta pessoal, revelando “a propensão do sujeito apaixonado de conversar abundantemente com o ser amado, com contida emoção, sobre seu amor, sobre ele, sobre si mesmo, sobre eles” (BARTHES, 2018, p. 113), está um dos objetos de análise deste trabalho: as cartas de amor; que funcionam como forma de namoro à distância, cuja a conceptualização do amor revela uma performance constituída por um amor romântico (SANTANA, 2019), como forma de significar desejo (1), fraqueza (2), sofrimento (3), tristeza (4), saudade (5), cuidado (6) e dedicação (7).

(1) **quem ama o desejo é sempre viver juntinho** mais nós temos que se conformar com esta tão grande ausencia (carta 09, N-Z, 20/10/1949).

(2) não repare **minha fraquesa pois isto é de quem ama** e muinto? (carta 08, N-Z, 29/09/1950).

(3) **quem ama sofre** você deve saber com é este sofrimento (carta 08, N-Z, 29/09/1950).

(4) Porque tu bem saber que eu **longe di ti a minha vida decorrer triste** (carta 01, Z-N, 11/06/1949).

(5) Ao pegar na pena para te transmitir estas linhas **sinto meu coração tranpacado de saudade longe da pessôa que mas amo** na minha vida você (carta 11, N-Z, 17/02/1950).

(6) Porque **Quem tem cuidado nua mor. é quem amar** quer bom não é. e por isso e que eu **não Posso deix di ter cuidado em vocer** (carta 01, Z-N, 30/07/1949).

(7) tenho pra zer em ti escrever ao mêsmo tempo mi acho com grande dôr em está auzente de ti **eu só nasci para ti amar** (carta 03, N-Z, 22/07/1949).

Assim, como aponta Barthes (2018, p. 65), o discurso dos enamorados assume, nas missivas amorosas, uma “dialética particular da carta de amor, ao mesmo tempo vazia (codificada) e expressiva (cheia de vontade de significar o desejo)”. A dialética amorosa é, então, representada nas cartas de amor na intenção de significar o desejo pelo outro. O vazio do código transborda sentimento e desejo; desejo de significar o amor sentido.

A constituição de um *corpus* formado por cartas de amor é justificável por acreditar-se que as missivas amorosas - com base no estudo sobre *proximidade/distância comunicativa* realizado por Koch e Oesterreicher (2013) -

apresentam parâmetros de *proximidade comunicativa* (interação privada, + intimidade, + emocionalidade, dialogicidade e + espontaneidade). Em outras palavras, a carta de amor está inserida em um *continuum* mais próximo do nível fônico/oral. Ademais, os manuscritos de temática amorosa, além de serem de grande relevância para os estudos linguísticos, possibilitam uma investigação sobre uma prática social menos monitorada de interação presente no cotidiano de indivíduos comuns em tempos pretéritos. A escolha do *corpus* converge ainda com a proposta de Conde Silvestre (2007, p. 45), no sentido de que:

os textos mais úteis para o investigador são aqueles que transpõem, para o meio escrito, intercâmbios comunicativos que ocorreram ou poderiam ocorrer no meio oral, pois, em princípio, este tipo de textos deveria manifestar um grau maior de variação e, por outro lado, facilitar a correlação (...) com as circunstâncias pessoais de seus emissores e receptores.

A carta de amor, portanto, pode ser considerada como fonte para diversas análises. Em vista disso, este estudo objetiva-se a uma investigação, a partir dos preceitos da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012), sobre a representação do possessivo de segunda pessoa do singular em um *corpus* constituído por cartas de amor trocadas, entre 1949 e 1950, por um jovem casal de noivos pernambucanos. As cartas trocadas entre o jovem casal possibilitam uma apreensão real do escrito e uma reestruturação sócio-histórica do português brasileiro escrito em Pernambuco, sob um contexto social, histórico e cultural de produção determinado (HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012).

Em consonância com a pesquisa de Pereira (2015), Barbosa (2018) e Lucena (2019), a hipótese inicial é a de que, mesmo em contextos mais íntimos, o possessivo *seu* avança e se confirma como forma variante referente à segunda pessoa ainda na primeira metade do século XX, revelando o um caráter híbrido, presente em contextos de maior distanciamento ou tentativa de neutralidade e em contextos mais íntimos e afetuosos, como nas cartas de amor.

Ainda neste estudo, a partir do Modelo de Tradições Discursivas (KABATEK, 2006), traça-se uma investigação sobre a tradicionalidade dos elementos constitutivos característicos do subgênero carta de amor, promovendo uma investigação não apenas sobre a historicidade da língua, mas também sobre a historicidade do gênero, já que “a história de uma língua se faz também de acordo com as tradições dos textos e estas podem condicionar a seleção de elementos linguísticos” (BARROS, 2019, p. 169).

Toma-se também o aporte da Paleografia, como “disciplina cujos métodos e ferramentas resultam necessários para uma compreensão mais enriquecedora e profunda do significado histórico-social da produção escrita” (CASTILLO GÓMEZ; SÁEZ, 2016, p. 165). Este trabalho leva em consideração a Paleografia constituída em três formas de análise (MARTÍNEZ, 1988):

- *Paleografia de Leitura*: como método que não se pretende somente ler corretamente, mas também transcrever o documento; este módulo detém-se a observar o que está escrito.
- *Paleografia de Crítico-Analítica*: neste módulo prende-se em *quando, onde e como* o documento foi escrito.
- *Paleografia da História Social da Cultura Escrita*: a partir da função e difusão do escrito, este módulo propõe analisar *quem e por que* o documento foi escrito.

Isso indica que o labor paleográfico é constituído por três vieses de análise para que o pesquisador se debruce sobre o documento analisado. Neste estudo, procura-se fazer uso das três etapas, priorizando a investigação e a interpretação dos documentos conforme ressalta Petrucci (2003), pensando em de *que se trata* o texto, de *quando* foi escrito, *onde* foi escrito, *como* foi escrito, *quem* o escreveu e *para que* foi escrito; além de uma análise sobre os traços caligráficos que os manuscritos preservam, pois, dessa forma, será possível vislumbrar o grau de escrita dos missivistas e relacioná-lo à prática de escrita de cartas.

Quanto à análise de estratégias de verbalização empregadas, a motivação para investigar o emprego do possessivo de segunda pessoa do singular parte de projetos anteriores realizados pelo autor, no âmbito do Programa de Iniciação Científica - PIC/UFRPE; e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/FACEPE; ambos coordenados pela professora Valéria Gomes, que, de maneira geral, prestaram-se a analisar a variação do possessivo de segunda pessoa (*teu/seu*) em cartas pessoais dos subgêneros carta de amigo, carta de amor e carta de família no decorrer dos séculos XIX e XX. Entretanto, o diferencial do atual estudo está em analisar o emprego do possessivo de segunda pessoa sob o aparato teórico da Sociolinguística Histórica e do Modelo de Tradições Discursivas em interface com a Paleografia, visando, assim, a uma investigação sobre a língua em sincronias passadas atrelada à historicidade do subgênero carta de amor e ao labor paleográfico a partir da prática, dos usos e do grau de escrita que os manuscritos preservam.

Este estudo, portanto, está dividido em 7 (sete) seções: a primeira seção é a introdução, seguidas pelas etapas de realização da pesquisa, onde foram descritos os métodos escolhidos para a construção desta pesquisa, a constituição do *corpus* e a as variáveis selecionadas. Na terceira seção, foi traçado o perfil do casal de missivistas. Já na quarta seção, foram explorados os elementos estruturais e sociocomunicativos das cartas de amor escritas pelo casal pernambucano. Em seguida, foi analisado o grau de escrita dos missivistas, correlacionando com as práticas de escrita. Na sexta seção, ocorreu a análise sobre a representação do possessivo de segunda pessoa a partir das cartas dos enamorados. E, por fim, foram apresentadas as considerações finais.

2. ETAPAS DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A partir do objetivo proposto, este estudo, visando a uma análise qualitativa de caráter descritivo e interpretativo, passou por 3 (três) momentos básicos de organização.

A primeira etapa metodológica baseou-se no *levantamento bibliográfico* pautado no aporte da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012); do Modelo de Tradições Discursivas (KABATEK, 2006); e da Paleografia (MARTÍNEZ, 1988; PETRUCCI, 2003; CASTILLO GÓMEZ; SÁEZ, 2016).

A fase seguinte, *seleção, organização e edição do corpus*, foi realizada a partir da aquisição do *corpus* pelo processo de doação no ano de 2014. As cartas passaram pelo processo de edição, pelo qual, seguindo as normas de edição de manuscritos e impressos proposto pelo Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), disponível em Castilho (2019), optou-se por realizar, por meio de uma edição fac-

similar³, uma edição paleográfica⁴ por se acreditar que as intervenções realizadas pelo editor sobre os documentos são consideravelmente razoáveis e que não alteram o vernáculo do texto.

O *corpus* é constituído por 32 (trinta e duas) cartas pessoais do subgênero carta de amor, trocadas entre um casal de noivos pernambucanos durante o final da primeira metade do século XX, no ano de 1949 a 1950. Com o intuito de preservar a imagem do casal, a menção a cada missivista é feita pela inicial de seus nomes: *N* (a noiva) e *Z* (o noivo). Dessa forma, o *corpus* está distribuído em 16 (dezesesseis) cartas escritas por *N* (a noiva): 8 (oito) referentes ao ano de 1949 e 8 (oito) referentes ao ano de 1950; e 16 (dezesesseis) cartas escritas por *Z* (o noivo): 8 (oito) referentes ao ano de 1949 e 8 (oito) referentes ao ano de 1950. No quadro 1 está disposto o referencial da carta, com a data, mês e o ano em que cada missiva foi escrita, além do quantitativo de palavras.

Quadro 1 - Distribuição e detalhamento do *corpus*

Cartas de N (noiva) para Z (noivo)	
1949	1950
Carta 01, N-Z, 21/05/1949 - 271 palavras	Carta 09, N-Z, 17/01/1950 - 187 palavras
Carta 02, N-Z, 04/07/1949 - 327 palavras	Carta 10, N-Z, 12/02/1950 - 335 palavras
Carta 03, N-Z, 22/07/1949 - 276 palavras	Carta 11, N-Z, 17/02/1950 - 312 palavras
Carta 04, N-Z, 02/08/1949 - 279 palavras	Carta 12, N-Z, 13/03/1950 - 242 palavras
Carta 05, N-Z, 09/08/1949 - 182 palavras	Carta 13, N-Z, 08/03/1950 - 283 palavras
Carta 06, N-Z, 02/09/1949 - 334 palavras	Carta 14, N-Z, 16/03/1950 - 289 palavras
Carta 07, N-Z, 29/09/1949 - 227 palavras	Carta 15, N-Z, 27/03/1950 - 267 palavras
Carta 08, N-Z, 20/10/1949 - 250 palavras	Carta 16, N-Z, 18/07/1950 - 125 palavras
Total de palavras das cartas de N (noiva) para Z (noivo): 4.186	
Cartas de Z (noivo) para N (noiva)	
1949	1950
Carta 01, Z-N, 11/04/1949 - 261 palavras	Carta 09, Z-N, 28/02/1950 - 270 palavras
Carta 02, Z-N, 02/05/1949 - 226 palavras	Carta 10, Z-N, 07/03/1950 - 362 palavras
Carta 03, Z-N, 11/06/1949 - 373 palavras	Carta 11, Z-N, 22/04/1950 - 389 palavras
Carta 04, Z-N, 17/07/1949 - 444 palavras	Carta 12, Z-N, 03/05/1950 - 260 palavras
Carta 05, Z-N, 27/07/1949 - 240 palavras	Carta 13, Z-N, 13/05/1950 - 420 palavras
Carta 06, Z-N, 06/08/1949 - 410 palavras	Carta 14, Z-N, 04/07/1950 - 396 palavras
Carta 07, Z-N, 07/08/1949 - 470 palavras	Carta 15, Z-N, 09/07/1950 - 274 palavras
Carta 08, Z-N, 14/08/1949 - 476 palavras	Carta 16, Z-N, 30/07/1950 - 457 palavras
Total de palavras das cartas de Z (noivo) para N (noiva): 5.728	
Total de palavras das 32 cartas: 9.914	

Fonte: elaborado pelo autor

³ “A edição fac-similar (...) baseia-se, em princípio, no *grau zero de mediação*, porque, neste tipo, apenas se reproduz a imagem de testemunho através de meios mecânicos, como fotografia, xerografia, escanerização, etc” (CAMBRAIA, 2005, p. 91).

⁴ “(...) (também chamada eventualmente de edição semidiplomática, paradiplomática ou diplomática-interpretativa). Pode-se dizer que há, nesse tipo, um *grau médio de mediação*, pois, no processo de reprodução do modelo, realizam-se modificações (...) através de operações como desenvolvimento de sinais abreviativos, inserção ou supressão de elementos por conjectura, dentre outras (embora qualquer uma dessas operações fique explicitamente assinalada na reprodução) (CAMBRAIA, 2005, p. 95).

A terceira fase é constituída pela *análise dos dados*. Para tanto, foi analisada a macroestrutura do subgênero carta de amor e a sua função sociocomunicativa para uma interação a distância. Em seguida, foi traçado o grau de escrita dos missivistas com a finalidade de identificar a relação do casal com o mundo da escrita e correlacionar esse domínio com a habilidade de escrita de cartas.

Por fim, como revela o quadro 2, foi estabelecido o grupo de fatores com a variável dependente e a variável independente para a investigação do possessivo de segunda pessoa do singular nas cartas de amor escritas por N (a noiva) e Z (o noivo). Os dados foram submetidos à rodagem no programa computacional *GoldVarb-X* para auxiliar na análise e na elaboração quantitativa dos dados.

Quadro 2 - Grupo de fatores

variável dependente	variáveis independentes	
	variável linguística	variável extralinguística
forma concreta <i>teu/seu</i>	realização do sujeito	gênero
	distribuição do possessivo na estrutura do texto	tempo

Fonte: elaborado pelo autor

A variável dependente é constituída pela *forma concreta teu/seu* com o intuito de observar se há maior índice de uso do possessivo *teu* ou do possessivo *seu* referente à segunda pessoa. Com a finalidade de observar se há fatores que condicionem o emprego de uma ou de outra variante, as variáveis independentes estão distribuídas entre a variável linguística e a extralinguística.

A variável linguística se ocupa com a *realização do sujeito*, que visa identificar se o uso do possessivo *teu* ou *seu* está relacionado ao contexto morfossintático de acordo com a realização do sujeito *tu-exclusivo* (8), *você-exclusivo* (9) ou ainda nos casos de *mistura (tu/você)* (10):

(8) meus olhos ti contempra com os **teus** rizo tão lindo igora vejomi tão auzente de ti mais isso sim tudo Deus proverá. N. confia em Deus e tem passienca que um dia que Jesus não vir e for da vontade dele chega a nossa alegria não é: pois **tu** sabe o meu dezejios era sempre viver au **teu** lado mais não e possivel so Deus sabe como sofreu (carta 01, Z-N, 11/04/1949).

(9) Recebi uma carta **sua** respondi não sei se você recebeu e ate aqui não recebi mas carta **sua** Mas sei que a falta de tempo de escrever não é? Mas tenho recebido lembrança que **você** tem mandado (carta 03, N-Z, 22/07/1949).

(10) N. **tu** talvez Não a credite mais a mizade qeu eu ti consagrui E incomparável eu sinto o **teu** a mor abri o meu| Coração com a chaver inesquecive da qual eu não posso inpirdir qeu ele seiga a berto porqeu so quem tiver O privilegio di abri o meu coração foi **vosser** Minha qeuridinha eu escrever-te esta linha i mi Lembrando da quelas feliz tardinha em que nos Conversava guntinho ainda rescordo-mi do **teu** lindo o lhar é o **teu** suaver sorrizo e as saudades Crecer mais é mais eu a inda mi lembro das **tua** Palavras tão a moroza apesar di quando estou Conversando com **voser** que li

pergunto a guma couza **voser** não mi responde eu não sei porque! Minha qeurida vamos entrega nosso cazamento Nas mão do Senhor porque ele tudo resolver E não te esqueuca, di minas **tuas** oração qeu **seu** não mi esqueço di **voser** um sor momento. (carta 09, Z-N, 28/02/1950).

A outra variável independente linguística selecionada é a distribuição do possessivo na estrutura do texto, visto que este estudo leva em consideração a natureza do texto em relação ao processo de variação, com destaque para “as ocorrências que retratam a norma vigente no período estudado e as fórmulas fixas, repetidas, convencionalizadas” (GOMES; LOPES, 2014, p. 23).

Sobre as variáveis extralinguísticas estão a variável *gênero*, que foi escolhida como fator de análise para o emprego do possessivo de segunda pessoa por acreditar-se que “as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística” (PAIVA, 2020, p. 36), podendo, dessa forma, as cartas da missivista N (a noiva) apresentar um maior índice percentual de uso da forma inovadora *seu* em relação às cartas de Z (o noivo), e a variável *tempo*, como outro fator a ser analisado, observando como os possessivos *teu* e *seu* se comportam entre os anos de 1949 e 1950.

Na próxima seção são realizados apontamentos sobre a construção do perfil do casal de missivistas.

3. O PERFIL DOS MISSIVISTAS N e Z

As cartas trocadas entre N (a noiva) e Z (o noivo) ocupam um lugar na história da cultura escrita como prática social de interação corriqueira para o período, cujos meios de interação à distância eram restritos à troca de cartas para uma grande parte da população comum. Esse jogo de interação, que é a escrita de cartas trocadas entre os interlocutores pernambucanos, é constituída por uma memória material sobrevivente ao tempo e que, conseqüentemente, possibilita, hoje, esta imersão sobre a prática de interação e de escrita epistolar referente ao final da primeira metade do século XX, bem como uma investigação sobre a historicidade da língua e do gênero. Nesse sentido, esta seção adentra na história social dos missivistas em conciliação com a prática cultural de escrita das cartas amorosas trocadas durante 1949 e 1950.

N (a noiva) nasceu em Recife, no dia 05 de fevereiro de 1935, mas, com 1 ano e meio de idade, devido à separação de seus pais, N (a noiva) e sua mãe mudaram-se para a cidade de Goiana, localizada na Região Metropolitana de Recife. Z (o noivo) nasceu no dia 19 de março de 1930, na Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco, no distrito de Goianinha, atualmente, cidade de Condado.

N (a noiva) e Z (o noivo) eram primos e, após Z (o noivo) terminar um relacionamento anterior, ainda jovens, N (a noiva) e Z (o noivo) começaram a se relacionar, mas foi quando Z precisou mudar-se para Campo Grande, bairro do Recife, por mais oportunidade de trabalho, que o casal iniciou a troca de cartas. É durante esse período que o relacionamento amoroso se consolida, N (a noiva) com 14 anos de idade e Z (o noivo) com 19 anos de idade. O jovem casal, durante esse período, encontrava-se, eventualmente, a cada dois ou três meses.

Sobre a formação escolar, N (a noiva) estudou em uma escola particular e cursou até o 5º ano do ensino fundamental quando tinha 13 anos. Z (o noivo) concluiu o primário aos 15 anos. Ambos os missivistas revelam não terem contato na escola com a prática de escrita ou com o modelo de escrita de cartas. Dessa forma, como aponta Gomes (2019, p. 110), há o “sentimento de insegurança dos escreventes em

virtude da baixa escolaridade nessa situação de prática escrita”, tendo em vista que os missivistas em suas missivas desculpavam-se pelos “erros de caligrafia” (carta 08, N-Z, 1950): “Desculpe as letras e os borrão” (carta 01, N-Z, 1949), “descupe os erro e o papel” (carta 05, Z-N, 1949), “Discuparme os erros e A Mau Caligrafia” (carta 14, Z-N, 1950). Gomes (2019, p. 110) ainda acentua que, pelo “fato de haver intimidade, cooperação e aceitabilidade comunicativa entre os dois interlocutores, eles superavam os temores, as censuras e as cobranças pela escrita irretocável” para cumprir o propósito de, por meio das “mal feita linhas” (carta 3, N-Z, 1949) e da “fraca pena” (carta 9, Z-N, 1950), revelar o sentimento de um casal que carrega “as maiores dores das saudade” (carta 5, Z-N, 1949) por estarem distantes fisicamente.

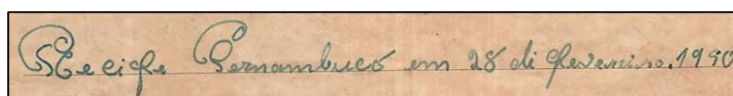
A seção seguinte aborda os elementos composicionais que compõem a macroestrutura do subgênero carta de amor, escrita sob a mão do casal N (a noiva) e Z (o noivo).

4. ESTRUTURA E FUNÇÃO SOCIOCOMUNICATIVA DOS ELEMENTOS COMPOSICIONAIS DA CARTA DE AMOR

No entendimento de que a carta pessoal é uma forma de comunicação à distância constituída por traços da retórica clássica: a) *salutatio*, b) *benevolentiae captatio* ou *exordium*, c) *narratio*, d) *petitio* e e) *conclusio*; baseada, então, na *artes dictaminis*, a arte de escrever documentos e cartas (RAMOS, 2017), abaixo, tomando como modelo representativo o fac-símile da missiva escrita por Z (o noivo) para N (a noiva), são analisadas as marcas que compõem a macroestrutura das cartas de amor trocadas pelo jovem casal pernambucano, com o objetivo principal de identificar no subgênero carta de amor os elementos composicionais do gênero-mãe carta pessoal.

A primeira marca composicional que as cartas trocadas entre o jovem casal revelam é o *local* e a *data* em que a missiva foi escrita. Essa tradição discursiva oferece ao interlocutor que se situe no espaço e no tempo em que a carta foi escrita, facilitando o envio de uma resposta à carta enviada, dando continuidade à interação.

Imagem 1 - Local e data



Fonte: carta 9, Z-N, 28/02/1950

A segunda marca que compõe a macroestrutura da carta de amor é a *saudação* (*salutatio*). Entre o casal pernambucano, foi identificada, além do *vocativo*, o emprego da construção “A paz do Senhor”. Essa fórmula textual é tradicionalmente empregada por um determinado grupo religioso como forma de *saudação*. Para Gomes (2019), por ser uma fórmula recorrente da oralidade, esse é mais um traço de proximidade presente na escrita das cartas amorosas.

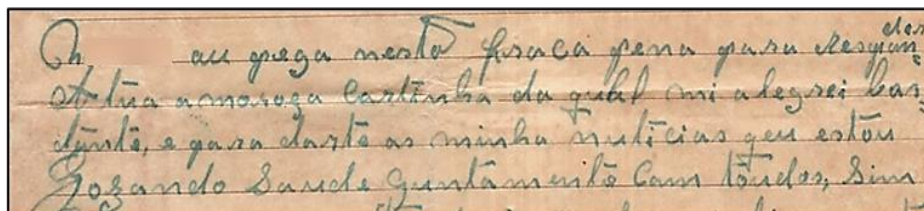
Imagem 2 - Saudação



Fonte: carta 9, Z-N, 28/02/1950

Outro traço é a *captação de benevolência* (*benevolentiae captatio* ou *exordium*), que funciona, na escrita de cartas, como contato inicial entre os escreventes. Nessa tradição discursiva, é comum que os missivistas sinalizem o recebimento de cartas, demonstrem saudades ou relatem a escrita de uma nova missiva. A *captação de benevolência* é o espaço para captar a boa vontade e para cativar o interlocutor; uma tradição marcada por um espaço de cortesia entre os missivistas.

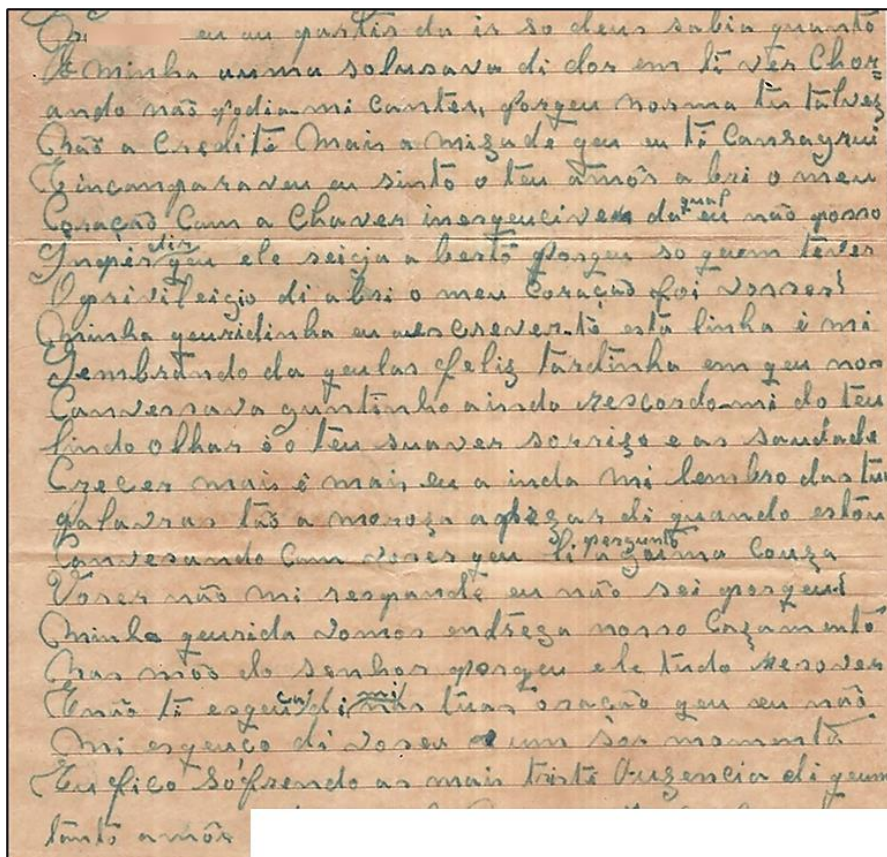
Imagem 3 - Captação de benevolência



Fonte: carta 9, Z-N, 28/02/1950

O *corpo da carta* (*narrativo*), também identificado como *núcleo*, é a parte da missiva em que o escrevente é mais autônomo, revelando o motivo pelo qual a carta foi escrita e os assuntos tratados entre os noivos. Como característico do subgênero carta de amor, a temática que permeia a conversa por escrito é de uma relação afetuosa, com a troca de afagos entre os noivos e o reforço do amor que se sente e se materializa nas missivas.

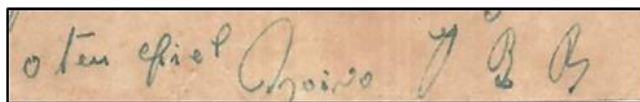
Imagem 4 - Núcleo da missiva



Fonte: carta 9, Z-N, 28/02/1950

A *seção de despedida (conclusio)* é o desfecho da carta, tradição que sinaliza a relação entre os escreventes. Na carta de amor, por exemplo, há o uso da fórmula “o teu fiel Noivo”, que é uma declaração de fidelidade e do compromisso assumido pelo casal de noivos seguida da *assinatura (scriptio)* do missivista, que atesta a veracidade do que foi dito no documento.

Imagem 5 - Despedida e assinatura



Fonte: carta 9, Z-N, 28/02/1950

Dessa forma, nesta seção, é possível observar que o subgênero carta de amor herda os elementos constitutivos da macroestrutura do gênero-mãe carta pessoal. Vale salientar que o *petitio* encontra-se presente nas cartas do jovem casal, em especial, no *narratio*, como forma de pedir que o seu destinatário escreva mais cartas: “*não ti esquece di escrever Para mi não*” (carta 2, N-Z, 1949); ou para pedir orações: “*lembrasi di mi Nas tuas oração*” (carta 13, Z-N, 1950).

Na próxima seção é observado o domínio que os missivistas possuem sobre a prática de escrita.

5. APONTAMENTOS SOBRE O GRAU DE ESCRITA DOS MISSIVISTAS

No âmbito da historicidade, estão as marcas físico-caligráficas, gráfico-fonéticas e não-alfabética. Petrucci (2003) classifica a capacidade de execução gráfica em três níveis: o nível *elementar de base (elementare di base)*, *usual (usuale)* e *puro (pura)*. Para tanto, no que diz respeito aos comentários paleográficos aqui realizados, são observados a aderência ao sistema de escrita, o módulo das letras, presença ou ausência de rasura, o uso do sistema abreviativo e os casos de segmentação; pontos esses vistos com o intuito de analisar a capacidade de expressão escrita dos missivistas nas cartas amorosas.

A realização desta análise paleográfica poderá, então, indicar o grau de escrita dos missivistas para relacioná-lo à prática de escrita de cartas e ao emprego do possessivo de segunda pessoa do singular, haja vista de que os documentos escritos por pessoas não ilustres e com baixo grau de conhecimento sobre a escrita podem revelar a norma vigente em uso mais próxima do oral, proporcionando ao pesquisador “uma imagem menos difusa do estado lingüístico do português brasileiro” (BARBOSA, 2005, p. 41) no período analisado.

5.1 Marcas físico-caligráficas

A forma de análise físico-caligráfica se prende aos aspectos dispostos no manuscrito, como o módulo das letras e rasuras. Essas marcas são mais detalhadas logo abaixo.

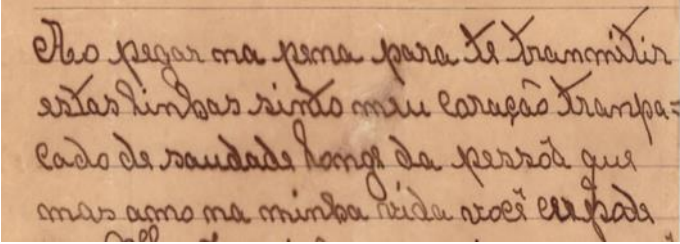
5.1.1 Módulo das letras

O módulo diz respeito à diferenciação realizada pelo escrevente em usar as letras em diferentes tamanhos, mas, principalmente, sobre a dimensão da letra em

relação à pauta do papel (CAMBRAIA, 2005). Portanto, observa-se aqui a dimensão da letra no documento, como também o traçado (ou *ductus*).

As cartas amorosas da missivista N (a noiva), tomando como exemplo a carta 11 (quadro 3), denotam um módulo, em sua maioria, de médio porte, com traçado cursivo levemente inclinado para a esquerda e com regularidade na paginação. Com algumas exceções, a missivista realiza a distinção de letras maiúsculas e de letras minúsculas em seus manuscritos.

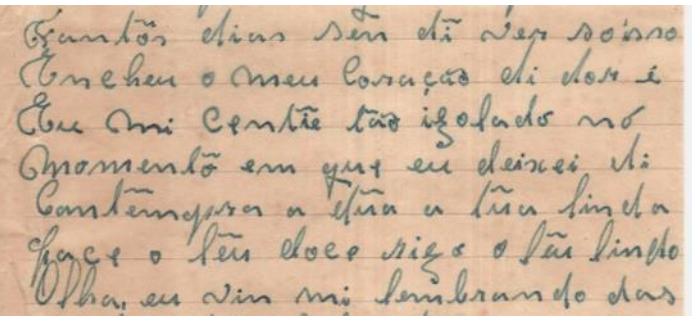
Quadro 3 - O módulo das letras nas cartas de N (a noiva)

Fenômeno	Missivista	Realização
Módulo	N (a noiva)	 <p>(carta 11, N-Z, 17/02/1950)</p>

Fonte: elaborado pelo autor

O mesmo não acontece nas cartas de Z (o noivo), que apresenta um leve traçado cursivo para a direita, com módulo menor, respeitando a paginação, mas não a distinção de letras maiúsculas das letras minúsculas, visto que, na margem esquerda do documento, todas as palavras começam por letras maiúsculas. Dessa forma, o missivista não aderiu às regras do sistema de escrita. Possivelmente, essa não adesão à regra de letras maiúsculas e minúsculas ocorra justamente pelo baixo nível de escolaridade do missivista.

Quadro 4 - O módulo das letras nas cartas de Z (o noivo)

Fenômeno	Missivista	Realização
Módulo	Z (o noivo)	 <p>(carta 13, Z-N, 13/05/1950)</p>

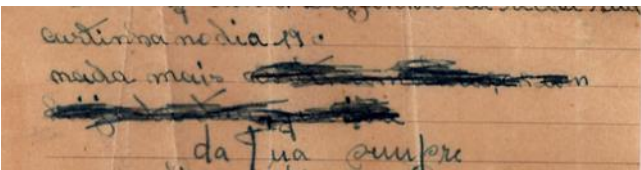
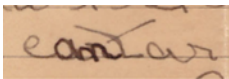
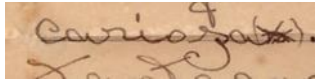
Fonte: elaborado pelo autor

5.1.2 Rasura

As alterações realizadas por rasura podem indicar, dependendo da dimensão da rasura nos documentos, que o escrevente possui pouca habilidade com a escrita ou incertezas na forma escrita da palavra.

No quadro 5, por exemplo, a missivista N (a noiva) rasura uma frase completa. Ainda, no mesmo quadro, são apresentadas a palavra “cantar”, com rasura na letra “n”, e a palavra “carioza” (carinhosa), com a última letra da palavra rasurada. Essas rasuras são formas de correção da palavra escrita pela missivista.

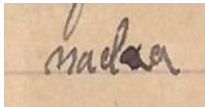
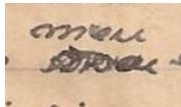
Quadro 5 - Rasura nas cartas de N (a noiva)

Fenômeno	Missivista	Realização
Rasura	N (a noiva)	 <p>(carta 4, N-Z, 02/08/1949)</p>   <p>(carta 12, N-Z, 13/03/1950)</p>

Fonte: elaborado pelo autor

Nas cartas de Z (o noivo), há um quantitativo inferior de rasura se comparado com N (a noiva). Os dois casos apontados no quadro 6 são da palavra “nada” e “meu”.

Quadro 6 - Rasura nas cartas de Z (o noivo)

Fenômeno	Missivista	Realização
Rasura	Z (o noivo)	  <p>(carta 5, Z-N, 27/07/1949)</p>

Fonte: elaborado pelo autor

5.2 Marcas gráfico-fonéticas e não-alfabética

As marcas gráfico-fonéticas e não-alfabética, discutidas logo abaixo, estão relacionadas ao processo convencional da escrita e são representadas pela aderência ao sistema de escrita, ao uso do sistema abreviativo e ao processo de segmentação.

5.2.1 Aderência ao sistema de escrita

A ausência do conhecimento da norma em relação ao sistema de escrita acarreta em uma grafia variável e prototípica da modalidade oral, como são os casos revelados no quadro 7, nas cartas escritas por N (a noiva), em que há interferência do oral com

a troca de segmentos consonantais em “praser” (s > z), “cilencio” (c > s) e a instabilidade nas vogais /o/ e /u/ em “roin” (o > u / n > m).


Quadro 7 - Aderência ao sistema de escrita nas cartas de N (a noiva)

Fenômeno	Missivista	Realização
Aderência ao sistema de escrita	N (a noiva)	 (carta 12, N-Z, 13/03/1950)  (carta 13, N-Z, 08/03/1950)

Fonte: elaborado pelo autor

Nas cartas escritas por Z (o noivo), há o mesmo fenômeno da troca do “s” pelo “c”, com a mesma palavra: “cilencio” (c > s). As cartas amorosas do missivista Z (o noivo) também apresentam uma instabilidade bastante significativa no emprego da vogal média /e/ pelo /i/, como em “di” (i > e) e o mesmo ocorre em “mi” (i > e).

Quadro 8 - Aderência ao sistema de escrita nas cartas de Z (o noivo)

Fenômeno	Missivista	Realização
Aderência ao sistema de escrita	Z (o noivo)	 (carta 11, Z-N, 22/04/1950)

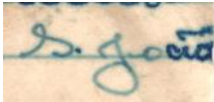
Fonte: elaborado pelo autor

5.2.2 Uso do sistema abreviativo

O uso do sistema abreviativo é aplicado em documentos a fim de agilizar o processo de escrita. Esse recurso, nas cartas do jovem casal pernambucano, é identificado em raros momentos.

Nas cartas escritas por N (a noiva), por exemplo, foi encontrado apenas um único caso de abreviatura, como apontado no quadro 9. A abreviatura por sigla, conforme ressalta Berwanger e Leal (2015, p. 92), “é representada pela letra inicial” da palavra. Nesse caso, há a representação da letra “s” referindo-se a “São”, de São João.


Quadro 9 - Uso do sistema abreviativo nas cartas de N (a noiva)

Fenômeno	Missivista	Realização
Sistema abreviativo	N (a noiva)	 (carta 16, N-Z, 18/07/1950)

Fonte: elaborado pelo autor

O mesmo ocorre nas cartas escritas por Z (o noivo), haja vista que quase não há uso do sistema abreviativo. A única abreviatura encontrada foi também por sigla. Neste caso, no entanto, trata-se da redução do nome do próprio missivista.

Quadro 10 - Uso do sistema abreviativo nas cartas de Z (o noivo)


Fenômeno	Missivista	Realização
Sistema abreviativo	Z (o noivo)	 (carta 9, Z-N, 28/02/1950)

Fonte: elaborado pelo autor

5.2.3 Segmentação

A segmentação trata-se, na verdade, da separação vocabular não convencional, ou seja, as letras que formam a palavra deveriam estar ligadas, mas são separadas, como é o caso de “a legre” (alegre). No *corpus* referente às cartas de N (a noiva), foi encontrado apenas um único caso de segmentação.

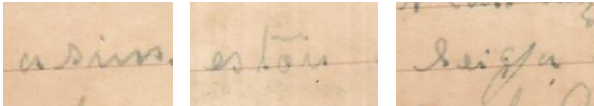

Quadro 11 - Processo de segmentação nas cartas de N (a noiva)

Fenômeno	Missivista	Realização
Segmentação	N (a noiva)	 (carta 16, N-Z, 18/07/1950)

Fonte: elaborado pelo autor

Já nas cartas escritas por Z (o noivo), há uma quantidade significativa de segmentação, como nas palavras “a sim” (assim), “es tou” (estou) e “s ei j a” (seja), por exemplo. Santiago (2012) aponta que o processo de segmentação pode ser observado a partir de escreventes com pouco domínio sobre o conhecimento da convenção e da prática de escrita.

Quadro 12 - Processo de segmentação nas cartas de Z (o noivo)

Fenômeno	Missivista	Realização
Segmentação	Z (o noivo)	 (carta 16, Z-N, 30/07/1950)  (carta 9, Z-N, 28/02/1950)

Fonte: elaborado pelo autor

Dessa forma, apesar do jovem casal de missivistas não apresentarem dificuldades no aspecto físico-caligráfico, esta seção evidencia que o casal N (a noiva) e Z (o noivo) encontram-se em um *continuum* mais próximo do nível *elementar de base*, pois manifestam em sua escrita incidências na representação de índices gráfico-fonéticos e não-alfabéticos, ainda que N (a noiva) demonstre uma maior habilidade que o seu noivo Z. Contudo, mesmo com o baixo grau de habilidade sobre o escrito, ambos os missivistas dominam a prática cultural de escrita de cartas, como visto na seção anterior.

Em seguida, é realizada a análise do emprego do possessivo referente à segunda pessoa do singular no subgênero carta de amor.

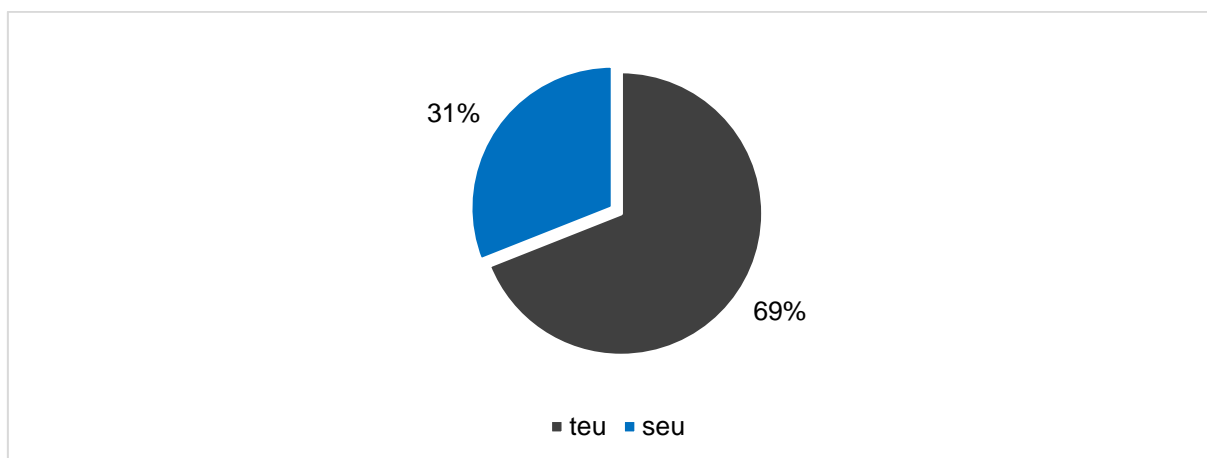
6. O EMPREGO DO POSSESSIVO DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NAS CARTAS DE AMOR

A investigação sobre o emprego do possessivo parte de estudos anteriores acerca das novas possibilidades combinatórias no sistema pronominal com a entrada do *você* em concorrência com o *tu* (GOMES; LOPES, 2016), acarretando um novo cenário referente à segunda pessoa do singular, incluindo os subsistemas, como é o caso do possessivo.

Barbosa (2018), ao analisar uma amostra de cartas pessoais do sertão baiano, escritas entre 1906 e 2000, observou que, nas cartas amorosas do período 1940-1979, há um maior índice do possessivo *seu*, com 12 casos de uso (67%), enquanto o possessivo *teu* apresenta 6 casos (33%). Em um outro estudo, o de Lucena (2019), com um recorte temporal de 100 anos, ao analisar as cartas amorosas de interlocutores do estado do Rio de Janeiro no mesmo período, 1940-1979, constatou também um maior índice de uso do possessivo *seu*, com 49 casos (91%), em contrapartida ao possessivo *teu*, com apenas 5 casos (9%).

A partir da quantificação dos dados das cartas do jovem casal pernambucano N (a noiva) e Z (o noivo), é possível vislumbrar, como revela o gráfico 1, a variação no uso das formas possessivas referentes à segunda pessoa do singular.

Gráfico 1 - Forma concreta da variação *teu/seu*



Fonte: elaborado pelo autor

Como demonstra o gráfico 1 e mais detalhadamente o quadro 13, o possessivo *seu* assume nas cartas de amor o mesmo valor de verdade no emprego referente à

segunda pessoa do singular, representando um duelo com a forma possessiva *teu*. É possível observar o emprego da variação em uso no exemplo (11):

(11) recebi **sua** cartinha com a qual fiquei muito aleg em ver **tuas** palavras tão carinhosa (carta 13, N-Z, 08/03/1950).

O uso do possessivo nas cartas amorosas do jovem casal N (a noiva) e Z (o noivo), durante o período de 1949 a 1950, apresenta um total de 146 ocorrências, com o emprego de 101 casos referente ao possessivo *teu* (69%) e 45 casos de uso referente ao possessivo *seu* (31%). No cenário representado por Lucena (2019), a autora destaca o contínuo avanço do possessivo *seu* referente à segunda pessoa durante o século XX, seja em contextos de maior distanciamento ou de maior intimidade. As cartas amorosas do jovem casal pernambucano revelam ser um campo de interação favorável ao uso do possessivo *seu*, entretanto, o possessivo de origem referente à segunda pessoa *teu* possui ainda um maior índice de uso.

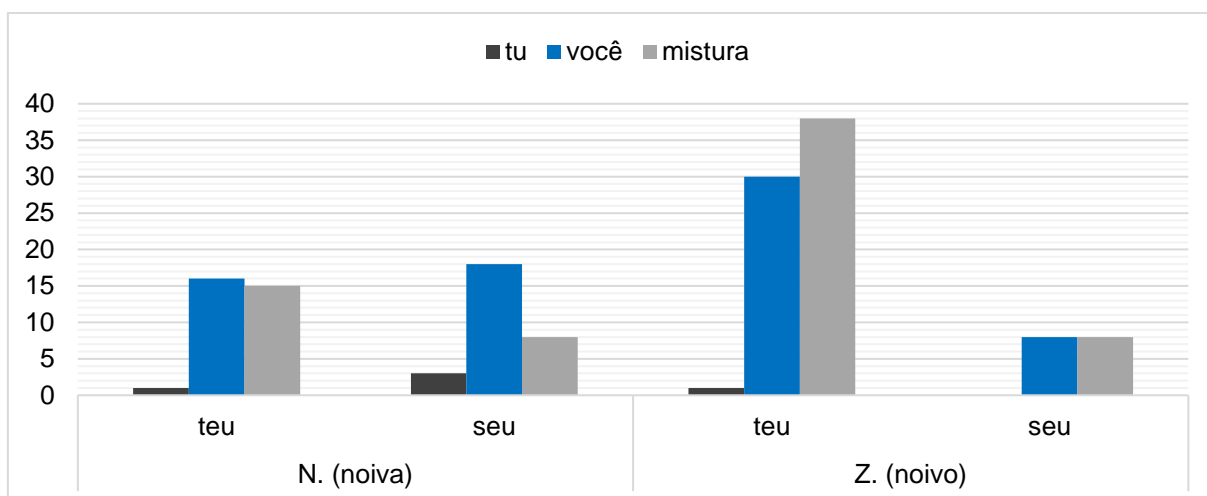
Quadro 13 - Dados gerais sobre o emprego da forma possessiva referente à segunda pessoa

Forma Possessiva	Ocorrências	Frequência
teu	101/146	69%
seu	45/146	31%

Fonte: elaborado pelo autor

Gomes (2019), ao analisar as cartas do jovem casal pernambucano escritas no ano de 1949, identificou, nos modos de dizer com o *tu* e o *você* na posição sujeito, a predominância do *você* nas cartas escritas pela noiva N (46/78%) e pelo noivo Z (39/74%). Dessa forma, o pronome *tu* perde espaço em consequência do avanço considerável do *você* em correspondência à segunda pessoa do singular. Com esse movimento em torno do sujeito, é possível sugerir que o avanço gradativo do possessivo *seu* deva-se, em certa medida, à ascensão do *você*. Ao observar os dados sobre a realização do sujeito em relação ao possessivo de segunda pessoa nas cartas da missivista N (a noiva), percebe-se que o uso do *você* na posição de sujeito favorece tanto o emprego do possessivo *teu* (47%), com 16 ocorrências morfossintáticas, quanto ao emprego do possessivo *seu* (53%), com 18 ocorrências. Já nas cartas do missivista Z (o noivo), o destaque é para os casos de mistura (*tu-você*), que favorece o emprego do possessivo *teu* (83%), com 38 ocorrências. Portanto, dentro do quadro analisado, percebe-se o avanço do *você-seu*, mas com destaque para a resistência do *teu*, presente até quando o contexto morfossintático é com o *você* na posição de sujeito.

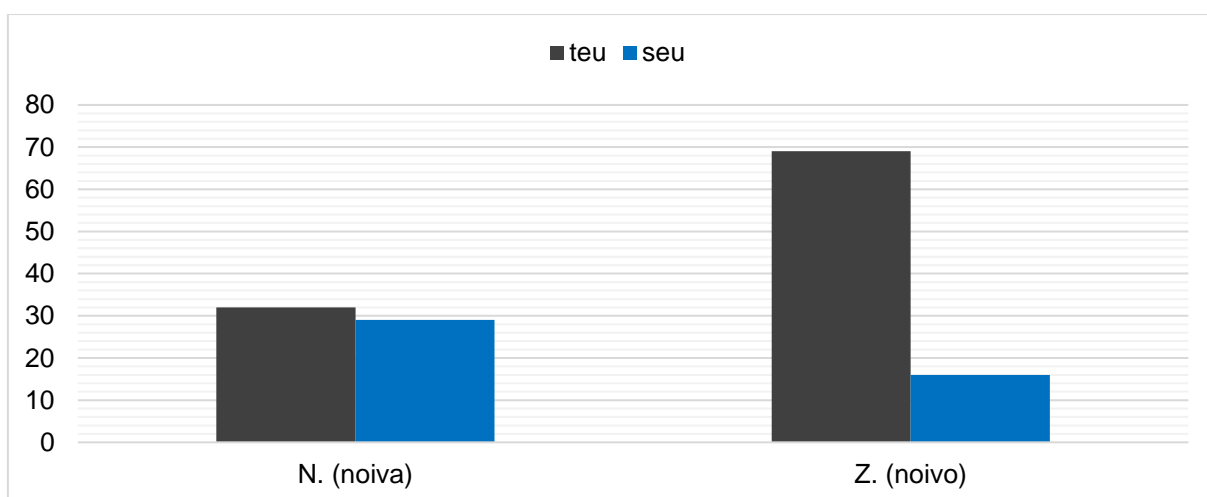
Gráfico 2 - Realização do sujeito



Fonte: elaborado pelo autor

Em relação à variável *gênero* (gráfico 3), os dados apresentam maior índice de uso nas cartas de Z (o noivo) do possessivo *teu*, com 69 ocorrências (81%), enquanto o possessivo *seu* apresenta 16 ocorrências de uso (19%). Ao observar o índice de ocorrências sobre a variação *teu/seu* nas cartas de N (a noiva), é possível identificar um quantitativo de uso mais equilibrado, entretanto, o possessivo *teu* ainda é mais empregado nas cartas da missivista N (a noiva), com 32 ocorrências (52,5%), em contrapartida com o uso do possessivo *seu*, com 29 casos (47,5%). Ainda assim, há a confirmação do que foi evidenciado por Paiva (2020), no que diz respeito ao caráter inovador da mulher, empregando o possessivo *seu* (47,5%).

Gráfico 3 - Gênero

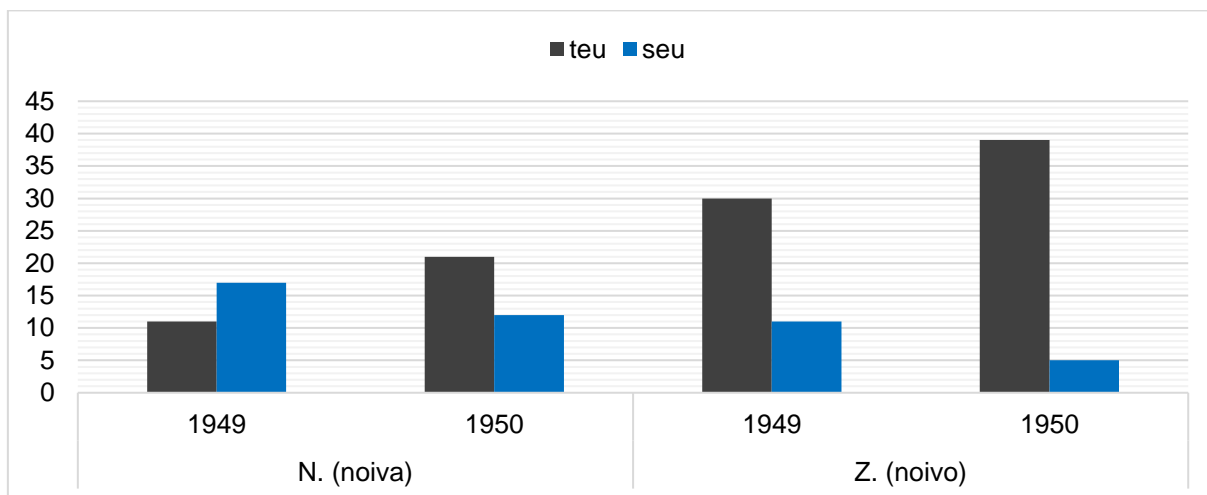


Fonte: dados do autor

Conforme os dados do gráfico 4, referente à variável tempo, nas cartas escritas por Z (o noivo), os dois períodos são marcados pelo maior uso do possessivo *teu*, com 30 ocorrências nas cartas escritas em 1949 (73%) e 39 ocorrências nas cartas escritas no ano de 1950 (89%). Entretanto, nas cartas da missivista N (a noiva), ocorre o duelo e, conseqüentemente, revela a instabilidade no emprego referente ao possessivo de segunda pessoa do singular, tendo em vista que as cartas escritas no ano de 1949

apresentam o predomínio do possessivo *seu* (61%), com 17 ocorrências de uso, enquanto as cartas do ano de 1950 indicam maior uso do possessivo *teu* (64%), com 21 ocorrências. Os dados das cartas de N (a noiva) demonstram, então, que, no primeiro ano de interação, há a predominância do possessivo *seu*, revelando um caráter híbrido e multifuncional desse possessivo, mas que com o passar do tempo, em um maior contexto de intimidade entre o casal, o emprego do possessivo *teu* se destaca.

Gráfico 4 - Tempo



Fonte: elaborado pelo autor

Por fim, sobre a distribuição do possessivo de segunda pessoa do singular na composição das cartas amorosas, foi identificado que o emprego da forma possessiva está presente nas cartas de amor trocadas entre o casal N (a noiva) e Z (o noivo), principalmente, na abertura e no fechamento das missivas, como modos tradicionais de dizer. Ambos os missivistas, tanto N (a noiva) quanto Z (o noivo), compartilham de uma tradição discursiva na prática da escrita de cartas. Dessa forma, ao mesmo tempo em que há o registro de um duelo entre as formas possessivas *teu/seu* referentes à segunda pessoa, este estudo identifica a existência de uma tradição discursiva com o emprego do possessivo, assumindo uma marca formulaica para:

a) *Acusar o recebimento de cartas*

(12) eu recebil a **sua** Cartinha é liz e reliz (carta 10, Z-N, 07/03/1950).

(13) dizerte que recebil **tua** Cartinha no dia 29 do corrente mez (carta 16, Z-N, 30/07/1950).

b) *Despedir-se*

(14) Nada Mais da **tua** cincera e fiel noiva (carta 10, N-Z, 12/02/1950).

(15) **sua** noiva que lhe ama (carta 16, N-Z, 18/07/1950).

Com isso, a evocação do emprego do possessivo de segunda pessoa do singular “estabelece uma relação de união entre atualização e tradição” (KABATEK, 2006, p. 512), com pontos de maior incidência e com funções recorrentes. Dessa forma, é possível identificar o processo de tradição e atualização por meio das cartas amorosas de N (a noiva) e Z (o noivo) referente ao possessivo de segunda pessoa do singular, compondo, assim, os modos de dizer em cartas amorosas, principalmente, na abertura das cartas, em especial na captação de benevolência, e no fechamento, na seção de despedida. Portanto, ao passo que a tradição se mantém, há o processo de atualização com o duelo *teu/seu*, revelando os usos do português escrito por um casal de jovens pernambucanos no final da primeira metade do século XX.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inserido no âmbito dos estudos sócio-históricos e considerando as tradições que abarcam o subgênero carta de amor, este estudo teve por objetivo analisar o emprego das formas possessivas de segunda pessoa do singular em um *corpus* constituído por 32 cartas escritas pelo jovem casal pernambucano N (a noiva) e Z (o noivo).

Além disso, foi possível identificar que N (a noiva) apresenta um maior domínio sobre a escrita, enquanto Z (o noivo) apresenta um menor nível. Apesar disso, ambos os missivistas estão no *continuum* relacionado ao eixo *elementar de base*. Entretanto, mesmo com baixo nível de escolaridade e de um menor domínio sobre a escrita, os missivistas dominam a prática cultural de escrita de cartas amorosas.

A partir da análise quantitativa, foi possível constatar o duelo entre os possessivos *teu* e *seu* nas cartas de amor em referência à segunda pessoa do singular, com predominância do possessivo *teu*, com 69% dos dados, em relação ao *seu*, com 31% dos dados. Esses dados, portanto, apontam que o caráter íntimo, informal, afetuoso e menos monitorado é, nesse contexto analisado, um espaço de resistência do *tu-teu*. O emprego do possessivo *seu* ainda se destaca, pois, apresenta um caráter multifuncional, o que facilita o emprego desse possessivo tanto em contextos mais íntimos quanto em contextos de maior distanciamento ou tentativa de neutralidade, podendo ser aplicado em diferentes contextos comunicativos, confirmando, em partes, a hipótese inicial.

Foi possível observar que o possessivo referente à segunda pessoa do singular compõe, nas missivas amorosas, modos tradicionais de dizer, principalmente no que diz respeito a fórmulas de acusação de recebimento de cartas e de despedidas. Dessa forma, a realização deste estudo, além de contribuir com a ampliação do acervo documental de manuscritos pernambucanos escritos no século XX, dá continuidade e amplia a discussão de estudos anteriores que abordam a historicidade da língua relacionada à historicidade dos gêneros.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. G. Tratamento dos corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, C. R. S. (Org.). **A norma brasileira em construção**: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX. Rio de Janeiro: UFRJ/ Pós-Graduação em Letras Vernáculas/ FAPERJ: 2005, p. 25-43.

BARBOSA, G. M. O. **O uso dos pronomes possessivos "seu" e "teu" em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

BARROS, C. Pragmática histórica e construção histórica do discurso: análise de alguns aspetos do funcionamento textual-discursivo do Português medieval. In: MAIA, C. de A.; SANTOS, I. A. (Orgs.). **Estudos de linguística histórica: mudança e standardização**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BERWANGER, A. R.; LEAL, J. E. F. **Noções de Paleografia e de Diplomática**. 5. ed. Santa Maria: UFSM, 2015.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTILLO GÓMEZ, A.; SÁEZ, C. Paleografia *versus* Alfabetização: Reflexões sobre História Social da Cultura Escrita. Tradução de MARCOTULIO, L. L.; CONCEIÇÃO, A. A. da. **LaborHistórico**, 2016. p. 164-187. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/4815/3523>>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

CASTILHO, A. T. de. Apresentação. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Coord.). **Corpus diacrônico do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

GOMES, V. S.; LOPES, C. R. dos S. Variação entre formas dos paradigmas de tu-você em cartas pernambucas dos séculos XIX e XX. In: **Revista do GELNE**. v.16, p.1 - 15, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11626>>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

GOMES, V. S.; LOPES, C. R. dos S. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 24, 2016. p.157-189. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/6299>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

GOMES, V. “Esta humilde e fraca pena” registra a tradição das cartas de amor do casal N e Z (1949). **LaborHistórico**, 2019, p. 104-129. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/25536/15882>>. Acesso em: 20 maio de 2021.

HERNÁNDEZ-CAMPOY J. M.; SCHILING, N. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In.: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley Blackwell, 2012.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. *et al.* (orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: Edufba, 2006, p. 505-527.

KOCH, P.; ÖESTERREICHER, W. Linguagem da imediatez–linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Tradução: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. **Revista Linha D'Água**, n. 26, p. 153-174, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/55677/60935>>. Acesso em: 03 maio de 2021.

LUCENA, R. de O. P. O estudo da variação 'teu'/'seu': atuação do fator grau de parentesco. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, 5 (Especial): 83-103, jan. | jun. 2019.

MARTÍNEZ, T. M. *et al.* (dir.). **Paleografía y Diplomática**. Vol. I. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1988.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2020.

PEREIRA, R. de O. A variação teu/seu: um estudo diacrônico e sincrônico. **LaborHistórico**, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/4787>>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

PETRUCCI, A. **La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.

RAMOS, M. Teoria clássica e medieval da composição epistolar: entre epistolografia e retórica. **CEM: Cultura, Espaço & Memória**. Ed. 8, 2017.

SANTANA, N. M. O. **Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX**. Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, 2019.

SANTIAGO. H. da S. **Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano**. 2v. 421 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.